



**SEALAND**



**SEALAND**

**LINHA LITORAL OEIRAS-CASCAIS**

Título: Sealand, Linha Litoral Oeiras-Cascais

Fotografias: Francisco Nave Almeida

Texto: João Abreu, Maria da Conceição Machado, Maria João Centeno,  
Maria José Aurindo, Maria Mota Almeida

Coordenação: João Abreu

Design e paginação: João Abreu

1.a edição:

Escola Superior de Comunicação Social

Campus de Benfica do IPL

1549-014 Lisboa

[musedapaisagem.pt/sealand](http://musedapaisagem.pt/sealand)

Este livro integra o projeto “SEALAND: Representações do turismo no eixo litoral Oeiras-Cascais” (IPL/2021/SEALAND\_ESCS), financiado pelo Politécnico de Lisboa, no âmbito do Programa IDI&CA21.

Os territórios litorais, de transição entre o domínio marítimo e o domínio terrestre, são por natureza zonas dinâmicas, de vigorosa erodibilidade e permanente transformação. Desse encontro entre o Oceano e o Continente resultam falésias, fajãs, baías, praias, dunas e uma série de ecossistemas marinhos e terrestres que se inter relacionam entre si e dos quais resulta um equilíbrio dinâmico. Contudo, apesar do seu carácter instável, no espaço português a ocupação desta faixa litoral tem sido intensa. A maioria da população portuguesa habita a menos de vinte e cinco quilómetros da costa e uma parte significativa da atividade económica partilha também esse espaço, em particular a atividade turística que, com crescente relevância na economia nacional, tem contribuído de forma expressiva para a sua transformação. Uma progressiva e intensa ocupação humana vai impondo um carácter perene a um território de natureza dinâmica. Portos, cidades, urbanizações, estradas marginais, hotéis, restaurantes e outras infra estruturas vão-se sucedendo ao longo da linha de costa fazendo crescer a tensão nesta paisagem litoral. Entre arribas instáveis e marés que avançam sobre a linha costeira vão-se procurando soluções que perpetuem os usos quotidianos. Consolidam-se falésias com cimento, revestem-se arribas com redes de aço, constroem-se pontões e barreiras para travar o avanço do mar. A tecnologia desafia a dinâmica da paisagem litoral. E os seus usos ajustam-se.

o livro “Sealand” resulta do registo fotográfico realizado por Francisco Nave Almeida entre 2021 e 2022 ao longo da linha de costa entre a praia do Abano no Guincho e a foz do rio Jamor na Cruz Quebrada. A sequência de imagens apresentada segue uma linha geográfica ao longo de cinco itinerários. Este livro integra o projeto “SEALAND: Representações do turismo no eixo litoral Oeiras-Cascais” (IPL/2021/SEALAND\_ESCS), financiado pelo Politécnico de Lisboa, no âmbito do Programa IDI&CA21.



**GUINCHO - CASCAIS**









































































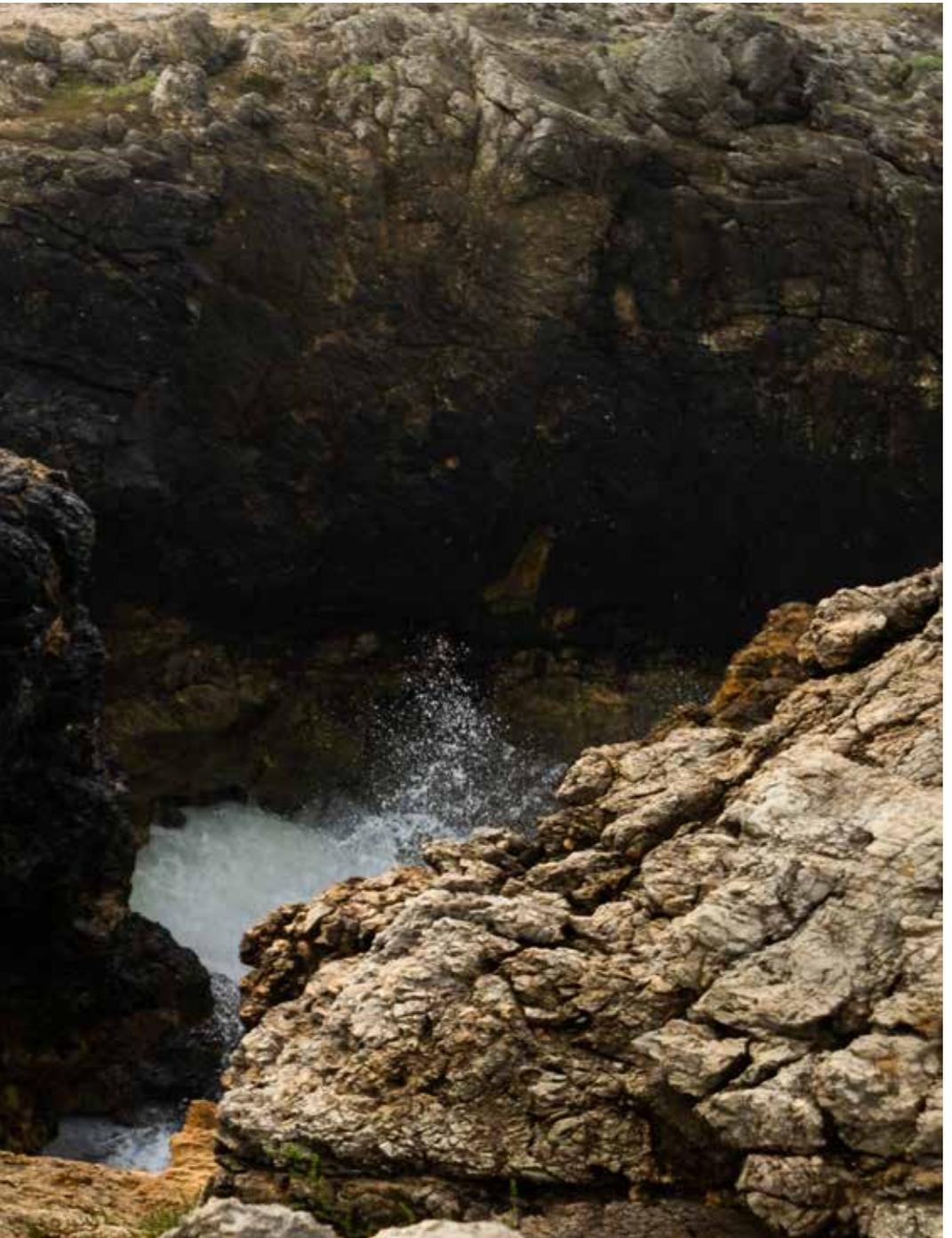


































































**CASCAIS - S. JOÃO DO ESTORIL**































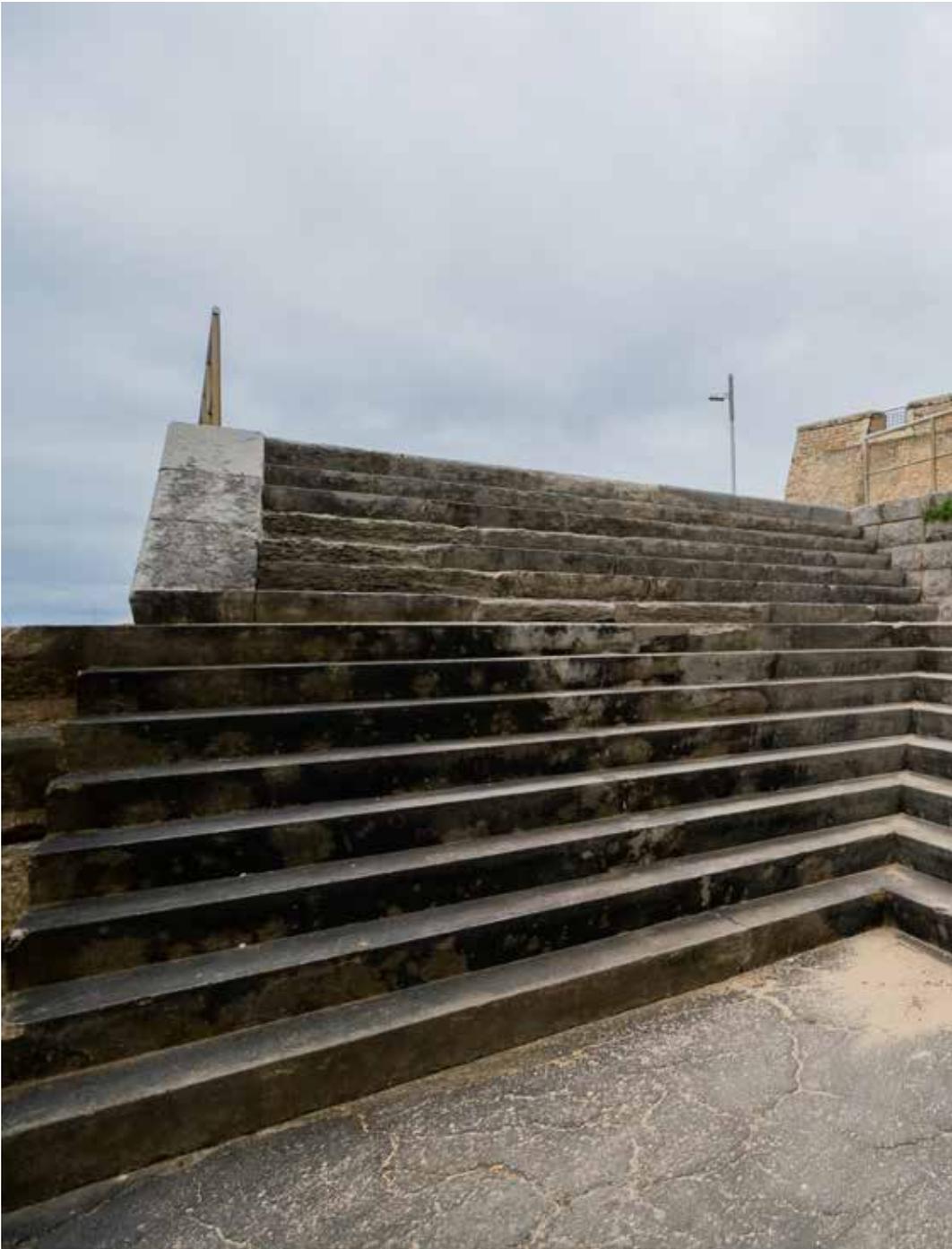












































































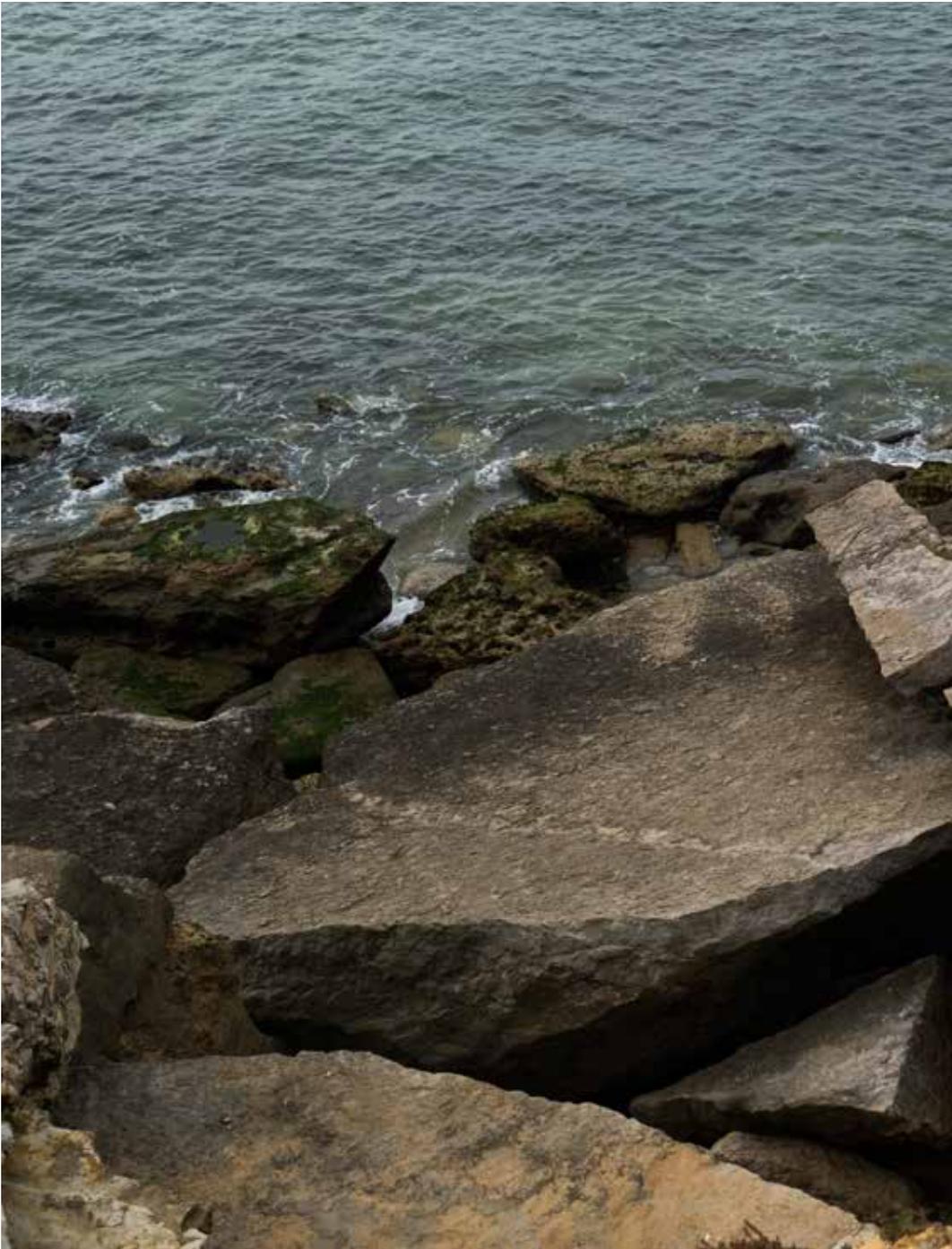
**S. JOÃO DO ESTORIL - CARCAVELOS**



































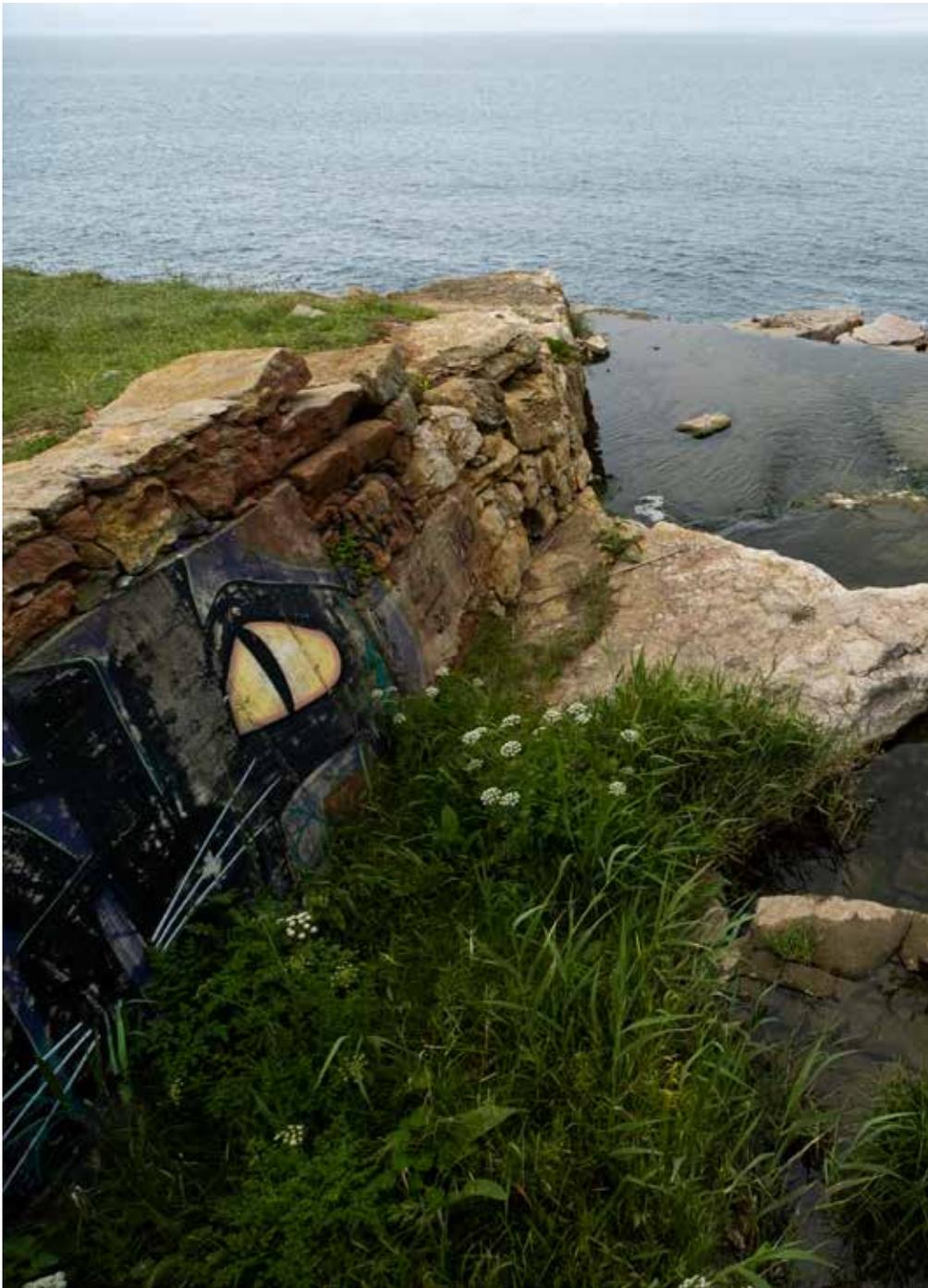




























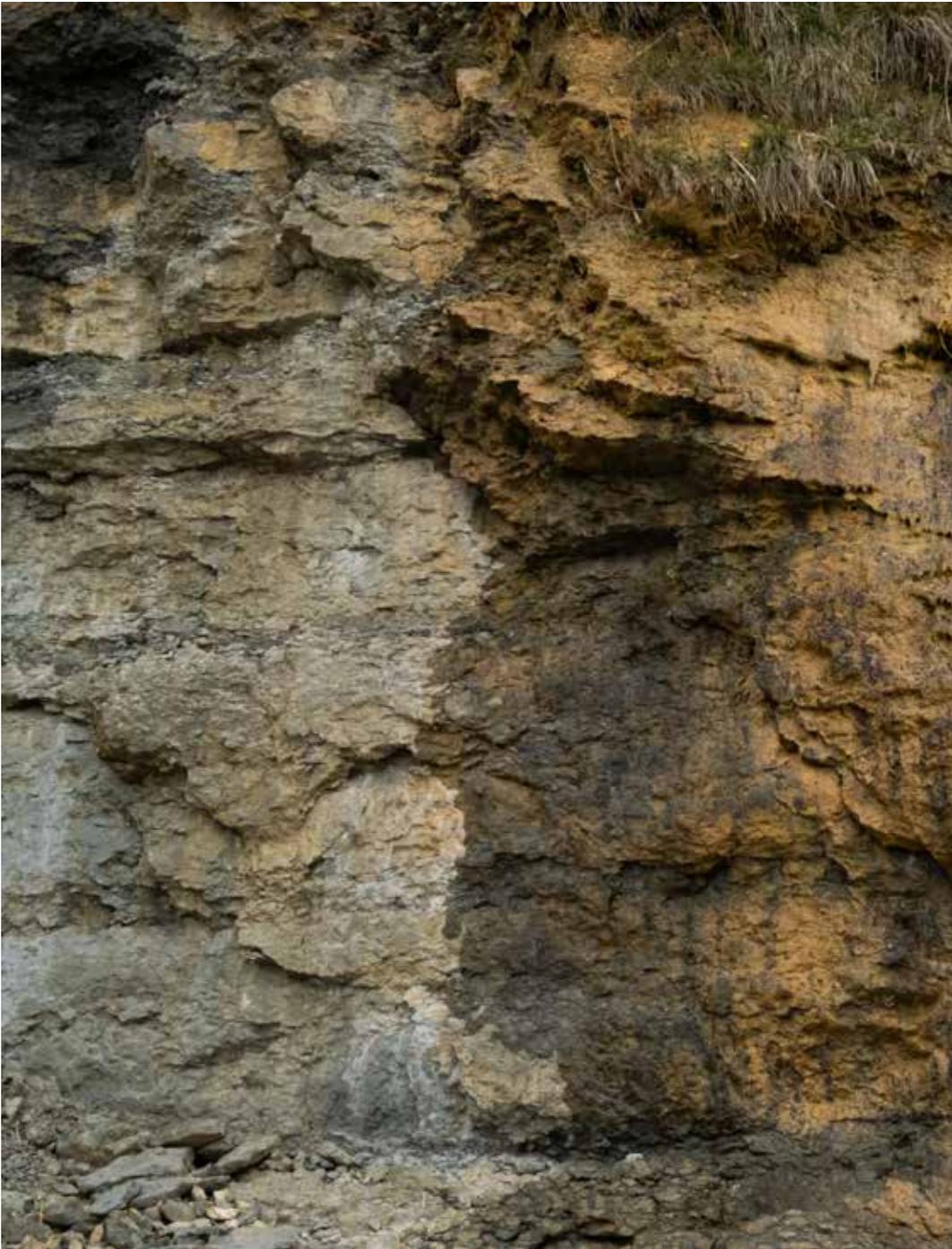












































































**CARCAVELOS - PAÇO DE ARCOS**







































































































**PAÇO DE ARCOS - CAXIAS**































































O projeto “SEALAND” propõe formas inovadoras de mediação entre públicos e paisagem através de soluções multimédia que promovam uma reflexão sobre a transformação das paisagens turísticas litorâneas. Tem como principal objetivo o desenvolvimento de um protótipo multimédia, agregador de conteúdos de natureza documental e artística (representações gráficas, fotografias, áudios e vídeos) sobre as transformações e tensões do território litoral no eixo Oeiras-Cascais, numa perspetiva de passado, presente e futuro. Este protótipo pretende testar metodologias de pesquisa, análise e registo documental (fotografia, áudio e vídeo) e sua implementação multimédia trabalhando, nesta fase inicial, uma faixa litoral restrita (frente de rio e mar dos municípios de Oeiras e Cascais), de modo a que no futuro possam ser replicadas ao longo de todo o litoral português e que, potencialmente, possam ser adaptadas e aplicadas noutros países e permitam um diálogo entre territórios que partilham esta condição litoral.

Esta investigação tem ainda como objetivos identificar as principais transformações da paisagem litoral nos últimos cem anos, em particular nas áreas de maior atividade turística; contribuir para a perpetuação da memória das paisagens do passado; documentar a paisagem atual da faixa litoral dos municípios de Oeiras e Cascais; promover uma reflexão sobre as possíveis necessidades de adaptação, do turismo e outras atividades, face às transformações projetadas como consequência das alterações climáticas; experimentar formas inovadoras de mediação entre públicos e paisagem através de soluções multimédia; contribuir para uma evolução da linguagem fotográfica e audiovisual como prática de registo documental de território e paisagem. Para alcançar os objetivos propostos, o projeto conta com a colaboração de uma equipa multidisciplinar de professores, investigadores e alunos da ESCS-IPL e da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril das áreas da Comunicação, Geografia, História e Turismo e com as parcerias do Museu Virtual do Turismo da ESHTe, Associação Museu da Paisagem e Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais.

Atualmente, quem visita Cascais mal vislumbra os indícios do antigo burgo piscatório, ofuscado pelas casas apalaçadas de matiz aristocrática, pela multiplicidade de infraestruturas turísticas e hoteleiras, ou por blocos de apartamentos característicos da modernidade que contrastam com a simplicidade de outrora. Até aos finais do Séc. XIX, Cascais foi apenas uma vila com modesto património arquitectónico apesar de constituir, desde cedo, ponto importante na defesa da entrada de Lisboa por via marítima.

No reinado de D. Luís têm início vários melhoramentos ao nível das comunicações nomeadamente a abertura da estrada de Oeiras (iniciada em 1859 e concluída em 1864). Referem Colaço e Archer (1943, p. 16) “As cinco léguas que medeiam entre Lisboa e Cascais eram, então, finais do séc. XIX], em grande parte, um ermo selvático e estéril [...]”.

A vila de Cascais começa a atrair a atenção da família real que, acompanhando a influência francesa da medicina preventiva e terapêutica, aí começa a ir a banhos. Iniciam-se paulatinamente as alterações a nível arquitetónico e urbanístico. São criados novos arruamentos e avenidas, surgem novas construções e palacetes de verão e este aumento de procura virá ainda a ser estimulado pelo prolongamento do caminho de ferro que em 1889 se estende até Cascais.

A então chamada Riviera Portuguesa não mais deixou de estar vocacionada para o turismo. Estavam lançadas as bases para a melhoria das condições de acolhimento de visitantes internos e externos, no eixo Estoril-Cascais que, durante e após a Segunda Guerra Mundial constituiria estância de recreio das elites europeias.

Por seu lado, “Oeiras é o Marquês [...] Ele a fez vila” (1993, p.35), diz-nos o mestre Aquilino. Foi com Sebastião José que lhe foi atribuído o Foral e se criou o Concelho de Oeiras. Nessa época é mandada construir o primeiro troço da Estrada Real até Lisboa. No séc. XIX com o declínio da atividade agrícola, surgem indústrias, fomentadas pela inauguração, em 1889, do comboio a vapor da linha Lisboa-Cascais. Começa a crescer a apetência balnear, com a moda terapêutica do “banho”, e a vocação turística que se amplia, fruto da construção da Estrada Marginal em 1940. Com a edificação da “nossa primeira estrada de turismo do país” (Duarte Pacheco) pretendia-se renovar a paisagem turística da Costa do Sol, oferecendo as melhores panorâmicas. Com o objetivo de ordenar a previsível expansão urbana no litoral foi publicado, em 1948, o Plano de Urbanização da Costa do Sol. Plano inovador, mas que não conseguiu prever a saturação populacional a que esta zona tem sido sujeita, com a construção em maior densidade.

A valorização da orla marítima e a posterior construção da auto-estrada originou uma febre construtiva de dimensões, à época, inimagináveis. Dilatam-se os principais centros urbanos do concelho, tornando-se estes num dormitório da Capital. A paisagem assiste a alterações profundas, com uma ocupação maioritariamente de betão em detrimento dos espaços verdes e de lazer. Atualmente, 80 anos após a construção da Estrada Marginal, a par da urbanização maciça con-

stata-se uma preocupação pela recuperação da área rural que teimou em sobreviver. Experimentam-se novos conceitos viários e urbanísticos, contemplam-se novos espaços de fruição da paisagem, amplos espaços de deslocação pedonal e ciclovias, continuando, a orla marítima, a sua atratividade em termos balneares e recreativos.

Com efeito, desde finais do século XIX até aos nossos dias verificam-se grandes alterações ao nível urbanístico, arquitetónico e paisagístico ao longo da faixa litoral Lisboa-Cascais. São essas alterações e a marcada diferença entre as características da faixa litoral no passado e a feição tal como se nos apresenta atualmente, que motivaram a vontade de as dar a conhecer utilizando diversa documentação gráfica e fotográfica.

A paisagem representa, para a investigação em turismo, um importante potencial na interpretação, nomeadamente das componentes relacionadas com a observação iconográfica dos discursos que vêm moldando o conhecimento do valor do lazer e do turismo nos estudos de paisagem (Zhang, 2016: 534), cujo foco se centra nas distintas representações que dela resistem para memória coletiva e que nos possibilitam a compreensão integrada da sua evolução.

As paisagens constituem muitas vezes o atrativo do destino e são o elemento central da promoção do território para o consumo turístico, que o olhar do turista (Urry, 1995, 2002) tanto valoriza na sua escolha. Assiste-se a uma importância cada vez maior na mediação de significados das representações imagéticas das paisagens turísticas e de lazer (Aitchison, MacLeod, Shaw, 2000) e, recentemente, à reavaliação das áreas costeiras enquanto paisagens liminares que podem e devem ser revisitadas e remapeadas, potenciando o desenvolvimento de novas perspetivas no que respeita às leituras da paisagem (Andrews, Roberts; 2012). Leituras que podem usufruir de uma abordagem transmediática que recorre a conteúdos que se desenvolvem através de vários meios e canais de comunicação (digitais e/ou analógicos), desenhando um ecossistema de narrativas que criam diferentes pontos de contacto com a paisagem (Fluckiger, 1995; Chapman & Chapman, 2000; Ribeiro, 2012) e que aqui se pretendem concretizar combinando uma análise multidisciplinar das interfaces entre turismo e cultura visual (Crouch, Lübbren, 2003).

Os territórios litorais, de transição entre o domínio marítimo e o domínio terrestre, são por natureza zonas dinâmicas, de vigorosa erodibilidade e permanente transformação. Desse encontro entre o Oceano e o Continente resultam falésias, fajãs, baías, praias, dunas e uma série de ecossistemas marinhos e terrestres que se inter relacionam entre si e dos quais resulta um equilíbrio dinâmico. Contudo, apesar do seu carácter instável, no espaço português a ocupação desta faixa litoral tem sido intensa. A maioria da população portuguesa habita a menos de vinte e cinco quilómetros da costa e uma parte significativa da atividade económica partilha também esse espaço, em particular a atividade turística que, com crescente relevância na economia nacional, tem contribuído de forma expressiva para a sua transformação. Uma progressiva e intensa ocupação humana vai impondo um carácter perene a um território de natureza dinâmica. Portos, cidades, urbanizações, estradas marginais, hotéis, restaurantes e outras infra estruturas vão-se sucedendo ao longo da linha de costa fazendo crescer a tensão nesta paisagem litoral. Entre arribas instáveis e marés que avançam sobre a linha costeira vão-se procurando soluções que perpetuem os usos quotidianos. Consolidam-se falésias com cimento, revestem-se arribas com redes de aço, constroem-se pontões e barreiras para travar o avanço do mar. A tecnologia desafia a dinâmica da paisagem litoral. E os seus usos ajustam-se.

O projeto “SEALAND” tem como principal objetivo o desenvolvimento de um protótipo multimédia, agregador de conteúdos de natureza documental e artística (representações gráficas, fotografias, áudios e vídeos), que promova uma reflexão sobre as transformações e tensões deste território litoral, numa perspetiva de passado, presente e futuro. Este protótipo pretende testar metodologias de pesquisa, análise e registo documental (fotografia, áudio e vídeo) e sua implementação multimédia trabalhando, nesta fase inicial, uma faixa litoral restrita (frente de rio e mar dos municípios de Oeiras e Cascais), de modo a que no futuro possam ser replicadas ao longo de todo o litoral português e que, potencialmente, possam ser adaptadas e aplicadas noutros países e permitam um diálogo entre territórios que partilham esta condição litoral.

A investigação contempla o cruzamento de diferentes leituras do litoral português, tendo em conta as várias perspetivas temporais em estudo, permitindo desse modo uma perceção concreta das diferentes realidades que o caracterizam, bem como das transformações que ocorreram e das que se perspectivam vir a ocorrer. Este olhar sobre o futuro é especialmente pertinente no contexto da paisagem litoral, onde se preveem transformações e impactos significativos resultantes da atual emergência climática. Deste modo, o presente projeto constitui-se também como um contributo ativo no combate às alterações climáticas, na medida em que propõe promover junto dos habitantes locais, dos agentes económicos e políticos, em particular da área do turismo e da comunidade científica, uma reflexão sobre as consequências das alterações

climáticas ao longo da faixa costeira e das suas implicações nos usos e modos de viver esse território. Esta investigação apresenta-se assim alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 2030) definidos pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em particular no que se refere aos objetivos relacionados com o combate à emergência climática e à gestão dos recursos naturais que, no contexto português, são particularmente relevantes, tendo em conta a posição geográfica do país e a sua expressão atlântica.

O projeto “SEALAND” tem ainda como objetivos identificar as principais transformações da paisagem litoral nos últimos cem anos, em particular nas áreas de maior atividade turística; contribuir para a perpetuação da memória das paisagens do passado; documentar a paisagem atual da faixa litoral dos municípios de Oeiras e Cascais; promover uma reflexão sobre as possíveis necessidades de adaptação, do turismo e outras atividades, face às transformações projetadas como consequência das alterações climáticas; experimentar formas inovadoras de mediação entre públicos e paisagem através de soluções multimédia; contribuir para uma evolução da linguagem fotográfica e audiovisual como prática de registo documental de território e paisagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Abreu, J. (2013). Museus: identidade e comunicação, instrumentos e contextos de comunicação na museologia portuguesa. Tese de Doutoramento não publicada, ISCTE-IUL.
- Abreu, J. G. de, Centeno, M. J., Pina, H. F., Rodrigues, R. P. (2021). "Museu da Paisagem: Desafios para uma Cidadania Paisagística" in Simões, Orlando (coord.) Paisagens Culturais, Heranças e Desafios no Território, Atas do VIII Congresso de Estudos Rurais & VIII Encontro Rural RePort. Lisboa, SPER – Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais, pp. 458-472. ISBN 978-972-96347-5-8.
- Aitchison, C., MacLeod, N. E., & Shaw, S. J. (2000). Leisure and tourism landscapes: social and cultural geographies. London, Routledge.
- Andrews, Hazel; Roberts, Les (2012). Liminal landscapes: travel, experience and spaces in-between. Abingdon, Routledge.
- Cascão, Rui. (2000). A invenção da praia: notas para a história do turismo balnear in "A Cidade e o campo" Coletânea de Estudos. Coimbra, Centro de História da Sociedade e Cultura, 2000, p. 325.
- Carvalho, Cristina (2019). O turismo no Estoril nos anos 30: modernidade, glamour e propaganda. Lisboa, Chiado.
- Centeno, M. J. (2012). As organizações culturais e o espaço público, a experiência da Rede Nacional de Teatros e Cine-teatros. Lisboa, Ed. Colibri.
- Chapman, N. & Chapman, J. (2000). Digital Multimedia. New York, John Wiley & Sons.
- Colaço, Branca de Gonta e Archer, Maria (1943). Memórias da linha de Cascais, Lisboa, Parceria António Maria Pereira.
- Corbin, Alain. (1988). Le Territoire du vide, l'Occident et le désir de rivage (1750-1840), Aubier, 1988
- Crispim, Mário Núncio, Lobo, Pedro Vasconcelos (Coord.) (1994). Retratos de Oeiras, Oeiras, DSA Comercial, Lda.
- Crouch, D., & Lübbren, N. (2003). Visual culture and tourism. Oxford & Nova Iorque: Berg
- Diário do Governo, I Série, Decreto 22444, de 8 de abril de 1933.
- Ferreira, Manuel Marques Ribeiro de (2003). História de Oeiras – Uma Monografia (1147-2003), Oeiras, C.M. Oeiras.
- Fluckiger, F. (1995). Understanding Networked Multimedia: Applications and Technology. United Kingdom. PrenticeHall.
- Freitas, J. G. (2010). "O litoral português na época contemporânea : representações, práticas e consequências : os casos de Espinho e do Algarve (c.1851 a c. de 1990)". Doutoramento <http://hdl.handle.net/10451/3004>
- Henriques, João Miguel (2011). Da Riviera Portuguesa à Costa do Sol: fundação, desenvolvimento e afirmação de uma estância turística (Cascais, 1850-1930), Cascais, Câmara Municipal.
- Henriques, João Miguel (Coord.). (2021). Museu da Vila - Cascais, Cascais, Câmara Municipal.
- Pereira, Margarida (Coord.). (2009). O Plano de Urbanização da Costa do Sol – Uma visão inovadora para o território, Oeiras, C.M. Oeiras.
- Ribeiro, Aquilino ([1940] 1993). Oeiras, Oeiras, C.M. Oeiras.
- Ribeiro, N. (2012). Multimédia e Tecnologias Interactivas. Lisboa, FCA-Editora de Informática.
- Urry, J. (1995). Consuming Places. Taylor & Francis.
- Urry, J. (2002). The Tourist Gaze. SAGE Publications.
- Zang, Jie (2016). Landscape in Jafari, J., & Xiao, H. (Eds.). Encyclopedia of Tourism. Springer International Publishing.



